

Livro ilustrado em essência: discussões sobre corpo, amor e sociodiscursividade na obra *Folha*, de Stephen Michael King

Illustrated book in essence: discussions about body, love and sociodiscursivity in the work *Leaf*, by Stephen Michael King

Gisele Arruda Eckhardt¹

Juliana Behrends de Souza Cerqueira²

Julio Teixeira de Souza³

278

Resumo: Ao redor do corpo, percepções específicas sobre corporeidade se envolvem de realidades imaginadas, desdobradas em imaginários sociodiscursivos, que firmam saberes de conhecimentos e de crenças. A relação dos indivíduos com seus corpos sempre foi motivo de debate, análise e críticas, visto que o corpo se tornou um meio idealizado de representação social, guiando, de certa forma, o modelo atual de vida. Assim, a sociedade moderna vive em um sistema que projetou tanto a forma de habitar, de amar, de ser e de sentir, doutrinando e padronizando o ser em sua totalidade, quanto a sua forma de ler e de compreender as informações que a cercam. Da imperiosa necessidade de ler sociodiscursivamente e de modo (des)rotulado os discursos amorosos e as representações corporais presentes em livros ilustrados, como *Folha*, de King (2008), que este artigo se justifica. Destaca-se que essa obra, percebida nas análises sob o olhar de Feres (2019), explora a defesa da corporeidade como aspecto fundante para a construção identitária do protagonista enquanto indivíduo social imerso em uma dada cultura. Posto isso, esse estudo objetiva analisar sociodiscursivamente o livro ilustrado, ancorando-se nas representações sociais do corpo e nos discursos amorosos. Para tanto, utilizou como embasamento teórico os constructos de Charaudeau (2008; 2018), em um viés semiolinguístico, Tucherman (2019), com postulados relativos ao discurso amoroso na literatura, de Nikolajeva e Scott (2011), com estudos sobre livro ilustrado, palavras e

¹ Doutoranda em Linguagem (UFF). Mestre em Letras pelo PROF-LETRAS (UERJ – Faculdade de Formação de Professores). Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela UNESA. Graduada em Letras pela UERJ – Faculdade de Formação de Professores. <http://lattes.cnpq.br/6993252257937834>. giseleekhardt@hotmail.com

² Doutoranda em Linguagem (UFF). Doutora em Educação (UI-PY). Mestre em Língua Portuguesa (UFRRJ). Especialista em Letras (LLP). Graduada em Letras (FEUC). Professora EBBTT Colégio Pedro II. <http://lattes.cnpq.br/6135427902428706>. jubehrends@gmail.com

³ Doutorando em Linguagem (UFF). Mestre em Língua Portuguesa (UERJ). Especialista em Língua Portuguesa (UERJ). Especialista em Psicopedagogia (UERJ). Graduado em Letras (UESA). <http://lattes.cnpq.br/7086337957247981>. jtsouza02@yahoo.com.br

Recebido em 26/06/2023

Aprovado em 04/09/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



ilustrações, sempre considerando o corpo sob as concepções de Le Breton (2007) e Foucault (1997).

Palavras-chave: Corpo. Discurso Amoroso. Sociodiscursividade. Livro Ilustrado. Semiologia.

Abstract: Around the body, specific perceptions about corporeality are involved in imagined realities, unfolded in sociodiscursive imaginaries, which establish “Knowledge of knowledge” (*savoirs de connaissance*) and “Knowledge of belief” (*savoirs de croyance*). The relationship of individuals with their bodies has always been a subject of debate, analysis and criticism, since the body has become an idealized means of social representation, guiding, in a certain way, the current model of life. Thus, modern society lives in a system that has designed both the way of inhabiting, loving, being and feeling, indoctrinating and standardizing the being in its totality, as well as its way of reading and understanding the information that surrounds it. From the imperative need to read sociodiscursively and in a (un)labeled way the loving discourses and body representations present in illustrated books, such as *Leaf*, by King (2008), that this article is justified. It is noteworthy that this work, perceived in the analyses under the view of Feres (2019), explores the defense of corporeality as a founding aspect for the identity construction of the protagonist as a social individual immersed in a given culture. That said, this study aims to analyze the illustrated book sociodiscursively, anchoring itself in the social representations of the body and in the loving discourses. To this end, it used as a theoretical basis the constructs of Charaudeau (2008; 2018), in a semiolinguistic bias, Tucherman (2019), with postulates related to the loving discourse in literature, of Nikolajeva and Scott (2011), with studies on illustrated book, words and illustrations, always considering the body under the conceptions of Le Breton (2007) and Foucault (1997).

Keywords: Body. Love Speech. Sociodiscursivity. Picture book. Semiolinguistics.

“Deste modo, os que amam a virtude amam também a beleza, ou seja, o que realmente perdura e é bom. Estes amantes são fiéis. Já aqueles que amam o corpo visam simplesmente seus próprios interesses egoístas, dessa forma, amam o que não dura e é mal e não conseguem ser fiéis. Enfim, o Amor Celeste é próprio dos seres virtuosos e o Popular dos seres vis.” Platão (1991)

Introdução

Em épocas dos grandes filósofos gregos, já havia discursos buscando firmar concepções sobre o corpo. Para Platão, a encarnação faz surgir uma alma inferior, que atrapalha a manifestação da alma superior, aquela essencialmente das ideias, das puras intuições. Segundo esse pensador, um corpo são, com plena saúde, libera a alma superior; em contrapartida, um débil, fragilizado, a aprisiona, tornando-se um obstáculo à vida intelectual (ARANHA; MARTINS, 2009). A produção discursiva sobre o corpo, portanto, data de épocas remotas e

figura-se no objeto de interesse, hoje, de várias áreas de produção de conhecimento e de desenvolvimento de pesquisa.

Paralelamente a esse estado de coisas, estudos acadêmicos voltados para análises de livros ilustrados são escassos se comparados a investigações que se direcionam a apreciações de textos mais densos ou de interesse de um público mais amadurecido literariamente. Importante citar que, não necessariamente, os livros ilustrados ou os livros com ilustrações se restringem ao universo infantil, já que muitos trazem correlações ricamente abstratas que demandam um conhecimento de mundo mais ampliado. Assim, são poucas as pesquisas que se debruçam na dinâmica interna do livro ilustrado ou que recaiam sobre a conexão intencional e planejada do texto e das ilustrações que se configura como um meio diferenciado de expressão (CAVICCHIOLI, 2015).

Tendo em vista que esse universo é multiplamente facetado, selecionou-se o corpo, objeto de estudo também de Platão, como limitador desse contexto mais amplo que são os livros ilustrados. Sobre os corpos, cabe considerar suas impressões e expressões, porém destas aquelas precisam para que sejam percebidas por um outro sujeito; os *inputs* do observado são apreendidos por uma analista somente quando uma forma de expressão se verifique, tornando *inputs* em *outputs*. A psicologia, por exemplo, investiga as impressões humanas, mas somente as alcança por meio ou de análises neuropsicológicas ou por raciocínios dedutivos e/ou indutivos. Pink (2018) salienta que a investigação da mente, um dos lugares das impressões, não se dá tão fácil como ocorre com a do corpo, pois o que é sentido ainda é algo enigmático a ser descoberto, caso não seja expresso pelos indivíduos. (HALL; LINDZEY, 1909)

O corpo é a superfície que ora dá entrada aos sentimentos ora expressa-os, servindo-se de meio de comunicação complexo. Todavia, nem sempre ele reflete as impressões; por vezes, não ocorre correspondência entre o sentido e o expressado. Segundo Robbins (2005), há emoções sentidas que não são demonstradas. As expressões humanas nem sempre refletem o que lhes são internas: há depressões sorridentes enganando os quem veem cara, mas não veem coração.

A relação de cada indivíduo com o seu corpo está marcada pelos sentidos atribuídos pela sociedade em que ele está inserido, ou seja, pelos imaginários sociodiscursivos que a permeiam. Isso porque, ao redor do corpo há representações produzindo significados de base social/cultural. O corpo de uma pessoa significa tanto para ela quanto para a sociedade. Esses significados, contudo, entrecruzam-se. O próprio corpo de um sujeito pode significar-lhe

inferioridade, provocar-lhe um sentimento de inferioridade ou mesmo de superioridade, a depender dos valores, socialmente firmados, sobre a corporeidade

O corpo, não o entendido apenas em sua composição nua, estrutural. Nele está em conta também tudo quanto possar vesti-lo, modificá-lo, carregá-lo de sentidos. Neste estudo, não se vê o corpo pela perspectiva de algo que é o que é independente dos lugares, épocas, culturas onde possa estar inserido. A “identidade” do sujeito não se limita à face do seu corpo, nem parte dela essencialmente, ela depende do interjogo de comparações feitas pelo próprio sujeito e pelos outros que lhe definem.

Se o corpo para uns é incorporação de sentimentos de superioridade, para outros é de inferioridade. Isso decorre das comparações estabelecidas entre sujeitos, cujo sentido decorre de valores sociodiscursivamente estabelecidos. O sentimento de inferioridade confunde-se com o sentimento de inadequação. (TORRES, 2008) Os inadequados são sujeitos que assim se sentem porque estão em comparação com um outro que, para eles, tal como para sociedade em geral, é um referencial de adequação. Sentimentos são interpretações subjetivas (GONDIM; SIQUEIRA, 2004) cercadas pelas interpretações sociais. A subjetividade das interpretações é fortemente marcada pelos discursos defendidos e reprimidos socialmente.

Há, de fato, literaturas em cujo bojo está o julgamento de pessoas pelos seus traços físicos, pelas marcas em seu corpo, pelo que este comporta. (LOMBROSO, 2020) Com isso, ainda atua uma pseudocientificidade sobre a personalidade/caráter das pessoas. No entanto, é apenas reveladora e continuadora de preconceitos, cujos discursos povoam os imaginários sociais.

Em Louro, Felipe e Goellner (2013), há o que se denomina *pedagogias culturais*, entendidas como os mais diversos meios de representações discursivas, tais como os programas de televisão, de rádio, as músicas, revistas, revestidas todas de representações propulsoras e formadoras de opinião. São produtores de conhecimento. Orientam interpretações, por vezes, criam verdades absolutas. Chimamanda (2019) adverte sobre o perigo de uma história única, cuja publicação em livros tem o resultado, às vezes pretendido, outras não, de significar o mundo por apenas uma perspectiva.

No entanto, vários são os discursos sobre o corpo, sendo este um objeto de análise sob variadas perspectivas. Pelo ponto de vista de cada perspectiva, sobre o corpo recaem concepções de verdades, que são, com efeito, realidades imaginadas produtoras de saberes de conhecimento e de crença. Os imaginários são socialmente produzidos enquanto discursados,

mas seus efeitos repercutem até serem retomados novamente pelos atos de linguagem mais ou menos inovadores, ressignificadores.

Com este artigo, cuja introdução vai encerrando-se, visa-se a uma abordagem sobre o corpo como uma construção da linguagem, das mais variadas manifestações de linguagem, sejam verbais, sejam não verbais. Elas, inseridas em uma sociedade, encaminham modos de pensar, significar e valorizar o corpo. Tem-se a meta de analisar sociodiscursivamente o livro ilustrado. Assim, ao longo da análise sobre a obra *Folha*, de Stephen Michael King, será possível perceber os significados por volta do corpo, especialmente sobre uma parte deste, *o cabelo*, elemento corporal sobre o qual há significações sociodiscursivamente preestabelecidas e outras inovadoras, trazendo ressignificações.

1 Imaginários Sociodiscursivos

Para analisar uma obra com um olhar que contemple os imaginários sociodiscursivos, precisamos compreendê-los, em primeiro lugar. Nessa ótica, é basilar deixar claro que tal conceito advém do pesquisador francês Patrick Charaudeau (2018), o qual passeia por diversos campos teóricos e, a partir daí, formula sua teoria, tendo como base o conceito de representações sociais, da área de Psicologia Social, cujo maior representante atualmente é Serge Moscovici.

Sob essa perspectiva, “o sujeito se constitui nas e pelas representações com fins de adaptação ao seu meio ambiente e de comunicação com o outro”. (CHARAUDEAU, 2018, p. 195) Dito de outro modo, essas representações fazem parte da vida em sociedade a tal ponto que é difícil percebê-las ou saber em que momento elas surgiram, mas o fato é que elas regem as práticas sociais concretas e além do exposto, o indivíduo, através delas, interpreta o mundo que o rodeia e lhe atribui significados.

Nesse sentido, de acordo com Serge Moscovici (2015), as representações podem suceder entre duas pessoas ou dois grupos, a título de exemplificação, dado que onde ocorrerem interações humanas, ali haverá representações. Cumpre ainda assinalar que elas são dinâmicas: mudam no decorrer do tempo e outras representações também podem surgir.

Não podemos esquecer que elas são simbólicas, dado que interpretam o real; ideológicas, porque atribuem valores e determinam nossas atitudes e conceituações e cognitivas, em razão da percepção que o sujeito tem da realidade, há todo um envolvimento do sistema cognitivo.

No que diz respeito a sua estruturação, Charaudeau (2018) postula que as representações sociais são constituídas por tipos de saberes, os quais não se configuram como classes abstratas,

mas sim como “*maneiras de dizer* configuradas pela e dependentes da linguagem que ao mesmo tempo contribuem para sistemas de pensamento”. (CHARAUDEAU, 2018, p. 197, grifo do autor)

Nesse encaminhamento, sublinhamos dois tipos de saberes: de conhecimento e de crença. O primeiro busca o estabelecimento de uma verdade sobre os fenômenos que acontecem, oferecendo uma explicação que ultrapassa a subjetividade do sujeito.

Ainda no saber de conhecimento, é possível classificá-lo em saber científico e saber de experiência. (CHARAUDEAU, 2017) A distinção consiste que há uma teoria ligada ao saber científico, capaz de provar o que se diz, mediante postulados, instrumentos e procedimentos. Por outro lado, o saber de experiência, embora proponha explicações sobre o mundo que nos cerca, não oferece meios de fundamentar o discurso.

Não obstante, o saber de crença relaciona-se a julgamentos e avaliações realizadas pelo sujeito sobre o que ocorre no mundo. Logo, vincula-se aos valores que ele atribui, isto é, o seu olhar sobre os fenômenos e ações; o saber provém desse sujeito, que realiza o julgamento. Em se tratando do tema, Charaudeau (2017) acrescenta que o saber de crença ocasiona outros tipos de saber: o de revelação e o de opinião.

O saber de revelação pressupõe uma verdade que é exterior ao sujeito, porém que não pode ser averiguada. Isto porque, geralmente possui um caráter sagrado ou transcendental, que requer uma aderência completa do sujeito. A título de elucidação, as religiões com suas doutrinas reproduzem bastante esse tipo de saber, uma vez que partem sempre do pressuposto de que alguém teve uma iluminação e aquele dogma não aceita contestações. As ideologias também se associam a esse saber.

E o saber de opinião advém de um parecer realizado pelo sujeito, no que diz respeito a seu engajamento acerca dos fenômenos que acontecem. Todavia, diverge do saber de revelação porque não se constitui como um discurso absoluto, isto é, há inúmeras possibilidades de julgamentos, conforme as escolhas, apropriações e experiências do sujeito. Logo, tem uma função identitária.

Tendo isso em vista, o semiolinguista francês (CHARAUDEAU, 2017) postula que os imaginários advêm dessa estrutura das representações sociais, levando-se em consideração que assim como elas permitem a construção acerca do mundo que nos cerca, bem como seus fenômenos e, por conseguinte, comportamentos, ocasionam “um processo de simbolização do

mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva”. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578)

Dessa forma, o semiolinguista francês (2017) corrobora que o imaginário traz consigo duas aplicabilidades: ao mesmo tempo em que fundamenta a ação, também permite que novos valores sejam criados. Postas essas bases, Charaudeau (2017) explica que a distinção que faz em sua nomenclatura, ao utilizar o termo social, justifica-se porque as práticas ocorrem em um domínio social.

Além disso, convém mencionar que a acepção de imaginário social que Charaudeau (2018) depreende não é aquela usualmente trazida pelos dicionários como algo irreal ou inventado. Na realidade, ele concebe que “o imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (CHARAUDEAU, 2018, p. 203).

Decorre daí que a expressão sociodiscursivo resulta do entendimento de que esses imaginários se materializam através dos discursos que estão presentes em diversos campos da sociedade, em um espaço de interdiscursividade, (CHARAUDEAU, 2018, p. 207) ou, até mesmo, mediante comportamentos, atividades coletivas ou na atribuição de valores a determinados objetos que são sustentados por uma racionalização discursiva.

Agora que já se discorreu sobre os imaginários, é possível seguir os direcionamentos para as diversas concepções existentes acerca do corpo, as quais se materializam através dos discursos e ocasionam múltiplas discussões e olhares acerca do mesmo objeto.

1.2 Concepções Discursadas sobre o Corpo

Muitos interessados no estudo sobre o corpo produziram informações sobre esse mote e suas concepções contribuíram para que os leitores adquirissem noções de corporeidade, em razão das informações serem formadoras de opinião (FERES, 2017), isto é, são lentes através das quais se lê o mundo, dentro de uma realidade específica por umas reafirmadas e por outras contraditas. Goellner (2013) cita que o corpo é, ele mesmo, uma construção de vertente social, cultural e histórica e Andrade (2013) acresce que é, também, politicamente construído.

Nesse sentido, das concepções manifestas nos discursos, proliferam informações enquadradas em saberes de crença e de conhecimento socialmente discursados. Entende-se, neste estudo, os discursos como dito por Souza (2021):

[...] quando há alguns enunciados tratando a mesma temática por pontos de vista distintos, podemos dizer se tratar de um discurso no sentido de que esse assunto está tomando vários cursos/lados. Quando não há a mesma concepção acerca de algo já significado, pode-se dizer que cada ponto de vista o ressignificou, o que pode levar a algum movimento de discursá-lo, isto é, de tê-lo em alguns cursos distintos. Discurso, nesse sentido, faz parte das práticas sociodiscursivas, a partir das quais um sujeito materializa seu ponto de vista em enunciados, consciente ou inconscientemente projetados e produzidos de modo a melhor expressá-lo e prosperar no objetivo comunicativo. (SOUZA, 2021, p. 76)

Le Breton (2007) nos lembra que cada abordagem sobre o conceito de corpo deve guardar coerência dentro de sua especificidade de análise e pontua que a eventual interdisciplinaridade tem de ser praticada com cautela, para que um ramo de pesquisa não atravesse o de outro, de maneira a mais perturbar uma ordem conceptual do que contribuir para o entendimento do objeto de análise. Em razão disso, expressa que “os procedimentos de análise não são os mesmos conforme as disciplinas, nem os métodos para a coleta de dados”. (LE BRETON, 2007, p. 37)

Concepções discursadas são representações linguageiras sobre, no nosso caso de interesse, o corpo, cujo significado é marcado pelos sentidos povoados em determinada cultura, quer *stricto sensu* entendida, quer *lato sensu*. Isso quer dizer, seja a cultura de um grupo, assim em menor escala, seja a de um país, em larga escala. Nessa linha, de acordo com Sabat (2013, p. 153), “representações, porque construídas socialmente, estão carregadas de significados e, por isso, contribuem para constituir identidades, reproduzindo significados e produzindo outros tantos.”

Levando em consideração o postulado por Le Breton (2007), tem-se de considerar o lugar do discurso em que cada área do conhecimento coloca sob o olhar a corporeidade. A de cunho religioso, por exemplo, pensa a criação humana e, portanto, a incorporação do espírito como obra divina e poderosa. Segundo essa perspectiva, os seres humanos possuem “**poder** sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre os animais que se arrastam pelo chão”. (BÍBLIA, 2005, p. 5, *grifo nosso*)

Pela ótica sociológica, Le Breton (2007) discursou sobre a corporeidade. Para ele (p. 7), “a sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”. A vertente desse pesquisador se associa à construção de saberes de conhecimento, dada a possível verificação, no mundo, dos acontecimentos que

ele vem discursar. Pertence a um lugar de discurso cuja base é positivista, como fora a de Durkheim ao estudar a sociedade como um organismo biológico.

Em contrapartida, lugares de discurso religioso e mitológico são por onde transitam saberes de crença. Todavia, convém ainda se assinalar que em relação a esse saber sua função compete “fazer com que o mundo não mais exista por si mesmo, mas sim através do olhar subjetivo que o sujeito lança sobre ele”. (CHARAUDEAU, 2018, p. 45)

Harari (2019), em contrapartida, não limita a compreensão sobre o saber de crença relacionando-o apenas a questões de crenças religiosas ou mitológicas. É possível associá-lo ao que se denomina de realidade imaginada, que se figura em histórias cuja realidade não existe fora de suas produções discursivas. Dito de outro modo, a realidade imaginada exerce influência pelo fato de a crença ser partilhada por um determinado grupo social e seu poder irá durar enquanto houver convicção nela.

Dando prosseguimento, outros teóricos influenciaram o mundo ao exprimir suas percepções sobre os fatores acerca do corpo. Sobre o seu fator de beleza, com Darwin (2017, p. 180) podemos entender que “depende da natureza da mente, sem considerar qualquer qualidade real no objeto admirado.” Isto é, a beleza não é uma característica do objeto, mas sim algo que se lhe atribui. Pensando dessa forma, há aqueles teóricos, como Nietzsche (2013), que veem o mundo vazio de sentido caso sem as ações humanas de significá-lo.

Foucault (2009) percebeu o corpo como alvo de docilização do homem. Atingindo seu corpo, doutrinando-o, seria possível tornar os homens seres dóceis. Dóceis no sentido de ensináveis, de maneira que seu corpo era a matéria sobre a qual recaiam investidas de educação doutrinária e de punição em contrapartida. Ele (FOUCAULT, 2009, p. 132) escreveu que houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto de poder e alvo de poder. Um corpo mecanizado, movido pelo automatismo, era o idealizado nessa época para aqueles que não ascendiam ao poder. Seus corpos eram cenários de espetacularização em episódios de punição em praça pública.

Outro discurso de mecanização do corpo foi visto sair das penas de Descartes defendendo a dicotomia entre mente e corpo. “Descartes alegava que a mente só tinha uma função: a de pensar. Todos os outros processos eram funções do corpo.” (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 34) Para Le Breton (2007, p. 27) “a filosofia mecanicista, que encontra em Descartes seu mais sutil porta-voz, estabeleceu o corpo como outra forma mecânica.” No entanto, com a visada de corrigir o erro de Descartes em separar mente e corpo, Damásio (2012)

trouxe à baila uma outra concepção, segundo a qual há entre mente e corpo uma relação psicossomática.

Segundo Damásio (2012, p. 119), “não é apenas a separação entre mente e cérebro que é um mito. É provável que a separação entre mente e corpo não seja menos fictícia. A mente encontra-se incorporada, na plena acepção da palavra, e não apenas ‘cerebralizada’.” Para esse neurocientista, o corpo e a mente interagem, podendo sentimentos refletirem no corpo tal como vice-versa.

Enfim, o corpo é condição de existência humana, por onde entram as impressões, e por onde saem as expressões. Ele é o lugar e o tempo (LE BRETON, 2007), é a ampulheta de tempo da vida de cada indivíduo, cujo decurso cronológico é verificado pelas expressões de velhice dessa matéria. “Expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc.”, assim sintetiza Le Breton (2007), dizendo que, “antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (LE BRETON, 2007, p. 7)

1.3 Discussões sobre Corpo, Amor e Sociodiscursividade: Análise Semiolinguística da Obra *Folha*, de Stephen Michael King

Nos livros ilustrados há um reunir de elementos, tais como *o texto escrito, as ilustrações e o projeto gráfico*. Inserido nesse contexto está o *conjunto dos paratextos* que atuam como um convite à narratividade, expandindo seus sentidos. Esses registros auxiliam o leitor, seja de qualquer idade, a embrenhar-se no contexto literário, favorecendo a ocorrência de reflexões acerca do conteúdo da obra, trabalhando “como uma porta de entrada, de transição e de transacção (sic) com a leitura [...]” (LLUCH, 2006, p. 217), e ocasionando ao leitor novos elementos fundamentais que ampliam a significação da narrativa do livro. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011)

Sob essa ótica, concorda-se com Sophie Van der Linden (2018) quando a autora corrobora que ler um livro ilustrado não se restringe à leitura do texto e imagem; demanda muito mais do leitor, dado que a leitura de imagens solicita também um aprendizado, isto é, uma formação do leitor para lidar com as variedades de peculiaridades subjacentes (técnicas de ilustração, o formato do próprio livro, enquadramentos, a relação da imagem com o texto etc.).

Dando prosseguimento, nesse artefato cultural, o livro ilustrado, aqui tido como objeto de estudo, a comunicação imagética e a comunicação textual se imbricam para gerar um

resultado que se difere de todas as outras formas de manifestação linguística: um produto com uma múltipla relação entre a comunicação verbal e iconográfica. (CAVICCHIOLI, 2015; CHARAUDEAU, 2013)

No âmbito desse tipo de manifestação literária, Feres (2019) postula em defesa dos livros ilustrados, ampliando a percepção dos indivíduos sobre as diversas formas de se trabalhar temas fraturantes (RAMOS, 2009) ou sensíveis à sociedade que são imperiosos para a formação da criança e para reflexão crítica de jovens e adultos. Assim, autora assevera que:

Sendo a criança seu público leitor preferencial, parece-nos ainda mais relevante o potencial do conto ilustrado como representação social, ou como portador de representações sociais que, de um lado, participam da “tradição”, mas que, de outro, por seu caráter persuasivo vinculado à “formação social” da criança, também podem constituir a “resistência” a valores e estereótipos [...]. (FERES, 2019, p. 19)

Nesse viés, é possível que temas sociais cuja discussão se faz imediata estejam presentes na literatura infantil, em especial pensamentos que confrontem a hegemonia do Norte ou ocidentocêntrica, conforme postula Boaventura de Sousa Santos (2020) ao abordar a importância de um discurso de resistência por parte dos oprimidos, a fim de que certos imaginários sociodiscursivos que são opressores percam a força com o decorrer do tempo e a voz dos oprimidos seja ouvida e seus saberes valorizados, ocasionando o apagamento da hierarquia que existem entre ambos.

A título de esclarecimento, o Norte representa o opressor e o Sul não se restringe a uma questão geográfica, pois como o próprio autor salienta o que está em questão é que esses seus epistemológicos são plurais e “têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado.” (SANTOS, 2020, p. 17)

O pesquisador (SANTOS, 2020) ainda comenta que alguns instrumentos são necessários para que esse movimento do Sul ocorra: a sociologia das ausências e a sociologia das emergências. A primeira consiste em identificar mediante um diagnóstico por quais meios os conhecimentos do Sul são silenciados e reduzidos a nada, como se não existissem, tornando-os irrelevantes.

Já a sociologia das emergências almeja dar voz aos excluídos, ressignificando a identidade individual e coletiva dos sujeitos do Sul, de vítimas a resistentes que reconhecem a importância de seus saberes e lutam para que a opressão cesse e suas experiências sociais sejam divulgadas, ouvidas e valorizadas.

Sabendo da relevância e do quase ineditismo de estudos dessa natureza, esta investigação definiu como *corpus* de análise a obra *Folha*, de King (2018), como já informado, que conta a história de um menino, como tantos outros que compõem o imaginário infantil, que simplesmente odeia pentear os cabelos. O conflito da trama surge quando o protagonista descobre uma vantagem extraordinária em ter o cabelo comprido, desarrumado e bastante embaraçado, pois, em dado momento da narrativa, uma semente cai na sua cabeça e, ali mesmo, começa a crescer.

Restringindo-se, ainda, à apresentação do enredo, cabe citar que King (2018) defende, nas entrelinhas de sua obra, que as pessoas devem confiar em sua intuição, discursando, acima de tudo, sobre *o amor*. Sua obra apresenta poucas comunicações textuais, sendo as onomatopeias os *sons* e as *palavras* do livro. Verifica-se que o autor desejou transmitir a ideia de que se deve acreditar na existência de partes específicas dos indivíduos (elementos corporais identitários) e de sentimentos particulares que precisam, prioritariamente, serem nutridos, desvelando que o percurso da vida direciona as pessoas a lugares em que estes se encaixam perfeitamente.

Importante destacar que, no caso do protagonista da obra em análise, a defesa da corporeidade foi fundante para a sua construção enquanto indivíduo social imerso em uma dada cultura, visto que a própria narrativa, em determinado momento, confirma esse *se afirmar, se amar para existir*.

Nessa linha, Le Breton (2007) postula que, antes de qualquer situação, a existência do ser é corporal. O autor ainda reflete que a corporeidade humana, está voltada para aspectos sociais e culturais, em que a dimensão simbólica do corpo e suas representações pelos atores são centrais para a sua compreensão.

Nesse sentido, o corpo, tema presente na obra analisada, também é alvo de discussão de Boaventura de Sousa Santos, visto que ele, “enquanto entidade viva, (...) sofre opressão e lhe resiste, que se entristece com a derrota e com a morte e se rejubila com a vitória e com a vida.” (SANTOS, 2020, p. 35)

Diante desse fato, alterações corporais impostas ou arbitrarias podem contribuir para um processo de desconstrução da existência do ser, visto que há um tripé indissociável entre o que Le Breton (2007) chama de *existência corporal*; o *contexto social e cultural* que os seres estão imersos; e o *contexto das representações e dos imaginários*, definidos por Charaudeau (2017) na seguinte passagem:

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578)

Coadunado a esse raciocínio, Le Breton (2007, p. 82) afirma que o “processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem”. Sendo assim, unir as percepções sobre a existência do ser, concernente ao âmbito da sociologia, e os contextos voltados aos imaginários e às representações, em uma vertente semiolinguística, parece compor um todo colaborativo que serve, de modo muito eficiente, aos estudos direcionados às análises com enfoque na sociodiscursividade como a realizada neste estudo.

Adicionalmente, é imperioso pontuar que Le Breton (2007) apoia-se nas obras de Michel Foucault em relação ao poder de influência nos corpos, citando que há atores que são controlados e disciplinados pelo poder político e pelo Estado. Esses agentes, na visão do sociólogo, são repressivos assim como diversas instituições socialmente constituídas. Esse poderio hierarquizante contribui expressivamente para abordagem da genealogia do poder e suas repercussões ao controle do corpo.

Acerca disso, Foucault (1997) destaca a teoria dos corpos dóceis que se coaduna com essa linha teórica de Le Breton (2007):

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita.” (FOUCAULT, 1997, p. 119)

Desse modo, levando em consideração toda a disciplina imposta no corpo, de que forma é possível se estabelecer um outro olhar para esse corpo tão oprimido, subjugado por regras impostas acerca de como deve agir, ver, pensar etc.? De acordo com Bell Hooks (2020), é através de uma ética amorosa que se consegue ter outra perspectiva em relação ao corpo.

Viver segundo uma ética amorosa requer que se entenda e conheça o amor e se abra mão do medo, porque, segundo a escritora, “culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo como forma de garantir a obediência”. (HOOKS, 2020, p. 129)

Retomando ao *corpus* aqui investigado, evidencia-se, ao longo da leitura da narrativa, que aspectos corporais, percebidos ao longo da apresentação do conteúdo imagético, se

configuram como importantes objetos de discurso (KOCH, 2008), já que as representações corporais do protagonista configuram um processo de construção identitária que tem como escopo a defesa de sua corporeidade pautada em um discurso amoroso.

Sobre a valorização do amor na obra de King (2008), Tucherman (2019) reflete que:

[...] o que nos interessa é compatibilizar os discursos sobre o amor nos dispositivos em que nasceram e se frutificaram, e, nesse caso específico, estamos associando suas presenças com os espaços e suas organizações, seus personagens, suas temporalidades, sua moral, ligada aos costumes, e sua ética, nos quais indicam decisões singulares. (TUCHERMAN, 2019, p. 61)

Justificada a importância de se destacar o amor na obra analisada, cabe ressaltar que muitas correlações poderiam ser realizadas sob o olhar da Semiologia, materializada neste estudo sob os constructos de Charaudeau (2008; 2018). Entretanto, serão realizados somente recortes analíticos na relação do *corpo* com os diversos objetos de discurso presentes da obra, sendo citados, em alguns momentos, os discursos amorosos. Diante disso, coloca-se, primeiramente, em análise o seguinte par de conteúdo imagético: o protagonista e o elemento “árvore”.

Figura 1. Protagonista da obra *Folha*



Fonte: KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

Fica clara, na Figura 1, a representação corporal de um menino de aproximadamente seis a oito anos que conta com roupas folgadas e confortáveis; cabelos soltos e livres; pés e mãos descobertos; e um semblante de felicidade e de amor. Ainda focalizando a perspectiva do corpo, evidencia-se que a postura corporal, a posição dos braços e o alternar de pés ilustram uma atmosfera de *liberdade* como se o processo de crescimento do personagem tivesse pleno espaço para se desenvolver. As cores das roupas também remetem a um contexto de crescimento e desenvolvimento, tendo em vista a calça na cor marrom e a blusa, na parte superior do corpo, na cor verde.

O segundo elemento, a “árvore”, se apresenta com as mesmas cores das vestimentas do menino e, imagetivamente, apresenta uma “postura corporal” similar à do protagonista. Ambos aparecem estar em sintonia e em conexão, já que ocupam o mesmo contexto narrativo.

Figura 2. Elemento “árvore” da obra *Folha*



Fonte: KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

Destaca-se que esse elemento “árvore” cresce junto com o menino ao longo da narrativa, configurando esse objeto de discurso como um correspondente direto do protagonista e transmitindo a mensagem de que resistir, para ambos, é crescer.

Em paralelo a esse estado de situações, é primal desvelar que, para a produção do ato de linguagem, Charaudeau (2008) descreve o processo de interação que se estabelece entre um sujeito comunicante e outro interpretante e assevera que, para a análise de um texto, não é necessário se dar conta dos pontos de vistas dos envolvidos na codificação e decodificação da mensagem, mas sim de “possíveis interpretativos que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação”. Assim, associar o protagonista ao elemento “árvore” é uma possibilidade legítima de interpretação, visto que há um claro encontro das ideias que foram comunicadas e/ou produzidas em um mesmo contexto de significação.

Ilustrações como as da obra *Folha* interpretam a realidade e não devem ser entendidas como irrealis ou fictícias. Há nelas uma ideia concebida por uma ação em conjunto e discursos que são legitimados e compartilhados em âmbito social. (CHARAUDEAU, 2018)

Sobre essa seara mais social, a questão do poder de controle sobre os corpos, citada por Le Breton (2007) e associada à Foucault (1997), também se materializa na narrativa em questão. Em um dado momento, a relação pouco asseada do menino com seus cabelos passa ser o grande conflito da trama. Evidentemente, que aspectos higiênicos possuem primazia sobre muitas outras situações tidas como culturais, contudo, para o protagonista, seu cabelo além de ser um elemento identitário era, também, um ambiente de (pro)criação do amor.

A Figura 3 traz esse elemento “cabelo” com sua dupla função: representativo de sua identidade e espaço de (pro)criação. Esse produto proveniente da relação do menino com seus cabelos é, na verdade, o elemento “folha”, tema da obra, que, como citado na quarta capa, deve nascer em todos os seres.

Figura 3. Cabelos do protagonista



Fonte: KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

Associada, ainda, ao elemento “cabelo”, a ideia de influenciador e influenciado fica clara na continuidade imagética representada pelo elemento “folha”, elemento basal da obra. Ambos, o menino e a folha, imbricados ou não, são exemplos claros de não passividade e se configuram como representativos do ato de *crescer*. Essa percepção pode ser confirmada pela correlação anterior cores das vestimentas x cores da árvore. Sobre isso, Feres (2019, p. 19) reflete que “Longe de ser concebido como um sujeito apenas “assujeitado”, ele interage, influencia o outro e é influenciado por ele”. Assim, a relação da representação corporal do menino com a pequena folha/futura árvore se configuram como um processo de interação com uma clara possibilidade de interpretação. (CHARAUDEAU, 2008)

Como já informado, essa forma mais *livre* e não ortodoxa de lidar com seu corpo configura-se como um conflito. Sua mãe, em dado momento da narrativa, surge com a meta de cortar seus cabelos e isso apresenta um duplo desfecho negativo: a perda da identidade e a impossibilidade da (pro)criação do amor. A Imagem 4 traz a nova representação corporal do menino e o (re)nascer de um novo ser, o elemento “folha”.

Figura 4. Transposição do elemento “folha”



Fonte: KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

294

As expressões fisionômicas dos personagens já denunciam que crescer pode também causar dor que, na mesma medida, fortifica, por vezes, o amor. Nesse momento, a alteração corporal imposta ao menino na infância passa a ser algo a ser superado, o que se confirma mais ao final do texto com seus filhos utilizando o mesmo estilo não submetido de penteado ao lado da árvore, já crescida.

Figura 5. O protagonista e seus filhos



Fonte: KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

A semente depositada no cabelo do menino no passado é um símbolo de continuidade corporal, tendo em vista que seus filhos são apresentados à semelhança do pai. Nesse sentido, observamos que o pai, tendo em vista o que vivenciou em sua infância, adotou uma ética amorosa (HOOKS, 2020) e os corpos de seus filhos são livres para serem da forma que almejem, inclusive tendo o cabelo longo – algo que não lhe foi permitido quando era da mesma idade.

O protagonista ainda é representado com as mesmas roupas, verde e marrom, sendo possível inferir que o processo de crescimento dos indivíduos é ininterrupto, mesmo com a frutificação de novas sementes. Sobre essas, verifica-se que no ventre da mulher há mais uma forma de continuidade corporal: uma nova semente foi plantada. Então, o mais representativo discurso amoroso presente na obra *Folha* se apresenta, nas páginas finais, no ventre da mulher.

Sobre essa sensibilidade evidente e que se apresenta como um convite ao amor entre as pessoas e o respeito aos seus corpos, Feres (2019), de modo muito didático, assevera que:

A construção textual é preparada para expor dramaticamente fatos, situações, relações pessoais, para que o sujeito interpretante seja não somente afetado pela patemização programada na textualização, mas, indiretamente, convencido de uma ideia, ou ainda levado a agir de uma determinada maneira. (FERES, 2019, p. 21)

Por fim, entende-se que resistir é mais do que aguentar; na perspectiva da obra, resistir é lutar. Lutar pelo amor, pela sua corporeidade. Dessa maneira, os seres precisam ter a consciência de que ser *dócil*, fazendo, mais uma vez, uso de Foucault (1997), não é ser essencialmente bom, mas pode indicar um comportamento submisso e pouco proativo. Portanto, provocar emoção e incitar a criação de outros discursos amorosos é um dos compromissos da literatura, postura assumida pelo autor do início ao fim do livro ilustrado em análise que traz importantes discussões para as gerações hodiernas.

Conclusão

Levando em consideração o que foi discutido nesse artigo, entende-se que o conto ilustrado analisado, de forma poética, desconstruiu imaginários sociodiscursivos que envolvem o corpo masculino e o diálogo texto-imagens requisitou do leitor uma postura amorosa (HOOKS, 2020) e ao mesmo tempo, crítica (SANTOS, 2020), para ouvir o eco da voz dos silenciados pelos discursos eurocêntricos no que tange à visão de como o corpo deveria ser. Ao mostrar no decorrer da história com o crescimento do menino e sua postura como pai diante dos corpos de seus filhos, temos a sociologia da emergência – não existe somente uma representação para como um cabelo masculino deveria ser; há diversas que devem ser valorizadas.

No fim, percebe-se que o rapaz resiste: passa o tempo e ele com sua experiência adquirida quando sua mãe lhe cortou o cabelo, não desiste de adotar uma prática amorosa, afinal

ele aprendeu que a mudança é bem-vinda e os valores que temos orientam o modo de agir (HOOKS, 2020), por isso é necessário estar aberto às mudanças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Janeiro: Vozes, 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

BÍBLIA. Língua Portuguesa. *Bíblia do adolescente: aplicação pessoal*. 2005, p. 5.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CAVICCHIOLI, M. Livro Ilustrado: palavras e imagens. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 34, n. 2, p. 711–717, 2015.

CHARAUDEAU, P. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. In: *Le Français aujourd'hui*, 123, Paris, 1998.

_____. *Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, Emília (coord.); MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (orgs.) *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. (p.383-405)

_____. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. In: *Entrepalavras*. Fortaleza, v. 7, p. 571-591, 2017.

_____. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2018.

CHIMAMANDA, N. A. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Madras, 2017.

FERES, B. A encenação descritiva em livros ilustrados para crianças: marcas de um discurso formativo. In: FERES, B.; MONNERAT, R. (Orgs.). *Análise de um mundo significado: a visão semiolinguística do discurso*. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

_____. Só acredito lendo: resistência social em contos ilustrados para crianças. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 2019.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do collège de France:(1970-1982)*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1997.

_____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Janeiro: Vozes, 2013.

GONDIM, S. M. G.; SIQUEIRA, M. M. M. Emoções e afetos no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. t (Orgs.). *Psicologia organizacional e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária – EDU, 1909.

HAMILTON, E. *A mitologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

HARARI, Y. N. *Uma breve história da humanidade Sapiens*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

HOOKS, B. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). *As representações sociais*. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

KING, S. M. *Folha*. São Paulo: Brink Book, 2008.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. *Revista Investigações*, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LINDEN, S. V. der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LLUCH, G. Para uma selecção adequada do livro: das capas ao estilo da literatura comercial. In: AZEVEDO, Fernando (Org.). *Língua materna e literatura infantil: elementos nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel, 2006. p. 215-230.

LOMBROSO, C. *O homem delinquente*. São Paulo: Edijur, 2020.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Janeiro: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2015.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro Ilustrado: palavras e imagens*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2013.

PLATÃO. *Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. Ed. 5. 1991.

PINKER, S. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMOS, A. Margarida. Saindo do Armário: Literatura para a infância e a reescrita da homossexualidade. *Forma Breve*, Aveiro, n. 7, 2009. p. 295-314.

ROBBINS, S. P. Capítulo 4: Personalidade e Emoções. In: *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Prentice all, 2005.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Janeiro: Vozes, 2013.

SANTOS, B. de S. *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

SCHULT, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1981.

SOUZA, J. T. de. *A semiolinguística e o samba-enredo: teoria e análise*. 2021. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TORRES, A. R. R. *Sentimento de inadequação: estudo fenomenológico-existencial*. 2008. 153f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.

TUCHERMAN, I. *Arqueologia do discurso amoroso*. Mauad Editora Ltda, 2019.